

## Sobre o critério geral para esclarecer as expressões “tradição analítica” e “filosofia analítica”

A filosofia analítica é actualmente praticada nas mais diversas zonas geográficas e intelectuais do mundo. Embora o mundo académico anglo-saxónico pareça privilegiar esta forma de fazer filosofia, não é de todo correcto assumir que ela pertence apenas a esse mundo. A Europa Continental Ocidental está repleta de departamentos onde se faz filosofia na tradição analítica (Itália, Espanha, França, Alemanha, Portugal, Holanda). A Europa de Leste e a Ásia começam a ter filosofia analítica nos seus departamentos de filosofia. A América Latina, Brasil incluído, vê surgir cada vez mais a tradição analítica nas suas universidades e nos seus eventos de carácter filosófico. A classificação da tradição analítica da filosofia como meramente ou maioritariamente anglo-saxónica é também espúria tendo em consideração que muitos dos pais fundadores dessa tradição não foram filósofos anglo-saxónicos. Notavelmente, Platão ou Aristóteles, Guilherme de Ockam, Pedro Hispano e Tomás de Aquino, René Descartes e Imanuel Kant, e mais recentemente Gotlob Frege e Ludwig Wittgenstein, mas também Karl Popper, Rudolf Carnap e Kurt Godel, entre muitos outros, não são anglo-saxões, mas podem ser considerados, em razão das suas práticas e ideias filosóficas, filósofos analíticos. Se correcto, isto milita contra outra ideia espúria segundo a qual a filosofia analítica começou com Gotlob Frege e Bertrand Russell. Contra melhor evidência, parece-nos que, tendo talvez a filosofia analítica da linguagem começado com esses dois últimos filósofos, a filosofia analítica enquanto engenharia conceptual (análise e identificação de conceitos) *a priori*, não se esgota nesse sector, sendo muito anterior, e extravasando em larga medida, o que é convencionalmente designado por Viragem Linguística.

Luís Estevinha Rodrigues, 6/2013.